



**DINÂMICAS DA LÍNGUA FALADA E ESCRITA ENTRE POPULAÇÕES
TRADICIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA¹**

**SPOKEN AND WRITTEN LANGUAGE DYNAMICS AMONG TRADITIONAL
POPULATIONS IN THE BRAZILIAN AMAZON**

**DINÁMICA DEL LENGUAJE HABLADO Y ESCRITO ENTRE LAS
POBLACIONES TRADICIONALES DE LA AMAZONÍA BRASILEÑA**

Laisse Andressa Nascimento dos Santos ²

Resumo: O estudo versou evidenciar as dinâmicas de interação e comunicação entre etnias da Amazônia brasileira, pautando a importância das inúmeras diversidades entre as populações tradicionais que nela se encontram. Teve como objetivo relacionar a língua falada e escrita, ponderando que esta, é uma forma de luta, resistência e de direito em se manter viva as histórias e vivências perpassadas de forma milenar. A investigação conta com a pesquisa bibliográfica por meio de teses, dissertações e artigos publicados no meio científico e acadêmico, com natureza qualitativa e de análise descritiva e método dialético. A fala ainda é o meio mais eficaz para manifestar contra todas as injustiças que ferem a garantia dos direitos, e mantém viva a cultura de um povo. Constatou-se que o desafio em se manter a língua indígena viva, depende muito mais do que esforços coletivos, é preciso preservar e documentar as diversidades da língua brasileira.

Palavras-Chave: comunicação; interação; luta; diversidade cultural.

¹Resumo apresentado ao Políticas Públicas, Territórios e Povos da Amazônia, no VI Congresso Internacional DHJUS – Futuros Possíveis. Programa de Doutorado e Mestrado Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça.

²Doutoranda e Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. E-mail: laissecristo@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5812377117074357> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3307-5191>



Introdução

A ciência geográfica reflete positivamente nas questões intangíveis, considerando as reflexões, culturas, e tradição dos povos em seus aspectos mais pessoais e de maneira coletiva, a geografia está em todos os contextos humanos, naturais e étnicas. Resulta assim, do fenômeno que articula espaço e política.

Pensar na divisão das línguas indígenas falada e escrita, é estabelecer características dominantes e colonizadoras. De acordo com Rodrigues (1963) os dados levantados nessa época sobre a linguística das populações indígenas, não foram evidenciados com precisão, e com a vinda dos portugueses para o Brasil desapareceram cerca de mil línguas indígenas, o representativo de 85% das línguas faladas no Brasil no século XVI, nessa época também cerca de 180 línguas indígenas eram faladas, restando aproximadamente 155 mil falantes.

A preservação da língua indígena é imprescindível, pois através dela se mantêm a cultura, a tradição oral e escrita, os conhecimentos milenares, modo de vida, uma verdadeira riqueza linguística. Se a língua indígena desaparece, com ela toda história de nossos ancestrais morre, uma vez que conhecimentos sobre a ecologia, indícios e vestígios sobre a pré-história da humanidade e outras informações sobre os acontecimentos e a comunicação estão intrinsecamente ligados, e é através dela que as histórias são passadas de geração para geração.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), através da implementação da resolução de 18 de dezembro de 2019 (A/RES/74/135), proclama no ano de 2020 os anos de 2022 a 2032 como o decênio da década das línguas indígenas (IDIL 2022-2032) com o intuito de preservação,



promoção das línguas originárias e revitalização, além da conservação da identidade étnica e do patrimônio da cultura brasileira (Unesco, 2020).

Pensada juntamente com outras organizações e contando com a coordenação de indígenas, foi elaborado o Plano de Ação Global, pois a língua indígena vem desaparecendo de forma notável, faz-se necessário saber que geograficamente muitas línguas se localizam nos pontos de acesso da diversidade do planeta, sendo a língua assim fundamental para preservar a diversidade biológica e a liberdade da expressão linguística garantida através da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Unesco, 2020).

Dessa forma, para se manter a diversidade cultural de um povo com a tradição milenar de sua história, não pode haver nenhum tipo de proibição de sua língua nativa, ou qualquer exigência de que a língua estrangeira seja imposta como a mais aceita e/ou a mais importante, ou até mesmo exigir que não seja falada a sua língua por qualquer imposição. Assim a ciência geográfica trata a língua como o acesso a novos conhecimentos, novas interações humanas, físicas e de fronteira.

Para esta pesquisa foi adotado fundamentos teóricos que embasam a trajetória da linguística da população indígena, buscando um panorama desde a chegada dos portugueses, e como foi constituído essa forma de comunicação, onde as línguas faladas eram divergentes. Os instrumentos para a coleta de dados foram pesquisa bibliográfica por meio de teses, dissertações e artigos publicados no meio científico e acadêmico, com o intuito de evidenciar as dificuldades em se manter viva a cultura.



Com esses dados realizou a análise sobre a existência da língua indígena escrita, como acontece a interação com a língua falada entre as etnias e principalmente quem fala e a permanência desta.

Desenvolvimento

Com a precária documentação sobre dados linguísticos indígenas a proximidade geográfica faz com que os grupos sejam considerados parentes (não entendido nesse estudo como unidos pela mesma causa), mas, por estarem classificados por dados que comparam sua familiaridade, como o parentesco entre Tupi e o Karib ou o Aruak e as relações das línguas Karib e Aruak entre si (Rodrigues 1961).

Os grupos Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, família Karib, família Aruak, família Pano, nove famílias menores e dez isolados linguísticos são representados pela diversidade da língua indígena brasileira com 180 línguas. Estas línguas encontram-se centradas em maior proporção nas regiões amazônicas e centro-oeste, nos estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins, sendo encontradas em menor proporção em outros estados brasileiros e falados nos países vizinhos e regiões limítrofes brasileiras (Seki, 1999).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020), a língua Tikuna é a mais falada no Brasil com 34,1 mil falantes. Com 274 línguas indígenas a estatística aponta que 37,4% das crianças indígenas falam sua língua, com 57,3%, dentro das terras indígenas e 12,7% fora delas quanto à língua portuguesa 76,9% dos indígenas são falantes e fora das terras indígenas 96,5% fala língua nativa



brasileira. Em relação a essa porcentagem, foram contabilizadas 786,7 mil crianças com idade acima de 5 anos e 605,2 mil indígenas falantes da língua portuguesa.

Para realização do censo 2022 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE contou com a colaboração da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) onde a pesquisa enumerou o quantitativo de 1.693.535 indígenas no Brasil representando 0,83% da população brasileira, sendo 51,2% encontrados na Amazônia legal.

Em 2022, Krenak entendeu como uma convocatória da atriz Fernanda Montenegro “eu quero que você venha para academia, Ailton Krenak” e ao ser empossado na Academia Brasileiro de Letras (ABL), como imortal tem o papel de promover a “língua brasileira”.

Krenak (2023) afirma que a língua falada no Brasil, não é a língua portuguesa e colonial, mas, a diversidade da língua dos nativos brasileiros, formando assim, a língua brasileira; evidencia a importância da diversidade linguística e cultural como parte essencial da identidade brasileira. Ao afirmar que levaria consigo mais de duzentas línguas nativas, destaca a riqueza e a pluralidade dos povos indígenas, ao mesmo tempo, ele critica a ideia de que o português seja a única língua representativa do Brasil, relatando que se trata de uma herança europeia. Sua fala convida à reflexão sobre a valorização das línguas originárias e o reconhecimento das múltiplas identidades que formam o Brasil.

Considerar os povos indígenas como “sem história” por serem “ágrafos”, por conta que não possuíam escrita, ou seja, um padrão convencional alfabético (Alcântara, 2000), existe a contradição pelo fato de encontrar prova de que a escrita



indígena ocorre por meio de grafismo em cerâmicas, utensílios de madeira, tecidos, cestaria e tatuagens (Menezes de Souza, 2006).

Dessa forma, vale destacar que as línguas maternas indígenas são imprescindíveis para que a identidade cultural seja preservada, mantida e reconhecida, uma vez que a pluralidade linguística é uma das principais características que os povos originários se expressam independentemente de registro do alfabeto brasileiro; é senão, um ato de resistência.

Considerações finais

Somente a investigação sobre as línguas indígenas brasileiras ainda está longe de se ter a real importância em se preservar a fala, cultura, diversidade e a forma de viver em comunidade, é necessário adotar estratégias que fortaleçam e preservem, como a criação de mais escolas em terras indígenas, mais pesquisas e documentação escrita e falada para ampla divulgação destas.

A imaterialidade e a diversidade cultural identificam um povo dentro de sua formação e sua tradição milenar faz com que a língua falada seja disseminada de geração para geração e para a cultura não indígena.

Com o objetivo de mostrar que a língua indígena tem se perdido, desde quando os portugueses chegaram ao Brasil, o isolamento e o desaparecimento linguístico indígena é uma prova de que cada povo nativo é um tesouro linguístico, pois com ele se tem o valor da etnia e da língua. Em Rondônia um indígena Tanaru, conhecido como índio do buraco foi encontrado morto em seu território, sendo o último indivíduo de sua etnia e com ele foi enterrado sua língua; viveu isolado e após anos desde o seu primeiro



contato, não deixou registrado sua riqueza cultural falada, escrita ou pintada por grafismo. Morre Tanaru, morre também mais uma língua indígena (G1, 2022).

Referências

ALCANTARA, Lúcio. **Povos Indígenas no Brasil: como vivem nossos contemporâneos**. Brasília (DF): SEEP, 2000.

AMAZÔNIA REAL. Krenak em defesa das línguas brasileiras. In: **Outraspalavras.net/outras mídias**; abril 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/krenak-em-defesa-das-linguas-brasileiras/>. Acesso em julho 2024.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio (Brasil). **Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas**. Assessoria de Comunicação / Funai, publicado em agosto 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso em julho 2024.

G1RO. **Quem foi o 'Índio do Buraco', último sobrevivente de seu povo encontrado morto em Rondônia**; publicado em agosto 2022 com colaboração de Pedro Bentes e Jaíne Quele Cruz. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/08/29/quem-foi-o-indio-do-buraco-ultimo-sobrevivente-de-seu-povo-encontrado-morto-em-rondonia.ghtml>. Acesso em julho 2024.

IBGE. **Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas**. In: Agência IBGE Notícias. Estatísticas sociais; 2012 – atualizado em 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiomias>. Acesso em julho 2024.



RODRIGUES, Aryon D. **Os estudos de linguística indígena no Brasil**. Relatório apresentado à Sessão de Linguística da 5ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belo Horizonte, junho de 1961. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110676/109123>. Acesso em julho 2024.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 15, n.º especial, 1999 (257-290). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/5GfsKZSJxXQhXNWFV6vWN8j/>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300011>. Acesso em julho 2024.

UNESCO. **Plano de Ação Global da Década Internacional das Línguas Indígenas. Cartilha**. IDIL 2022-2032 / Plano de Ação Global da Década Internacional das Línguas Indígenas. Versão Brasil, 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000383844_por/PDF/383844por.pdf.multi Acesso em julho 2024.